

## IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS NOS CONTEXTOS DE USO DE *AÍ* MARCADOR DE ESPECIFICIDADE DE SINTAGMAS NOMINAIS INDEFINIDOS: UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA

Francisco Wildson Confessor – UFRN

### Introdução

No presente trabalho, descrevo e analiso as principais implicaturas conversacionais nos contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos. Para tanto, sigo os postulados da Lingüística Funcional em sua vertente norte-americana (GIVÓN, 2001; FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003), que concebe a língua como um instrumento de interação social, usada, principalmente, para satisfazer necessidades comunicativas. Nessa vertente, prioriza-se o estudo das funções que as formas lingüísticas desempenham nas diversas situações de interação lingüística e considera-se a sintaxe e a morfologia como estando em constante mutação, sendo motivadas, moldadas e/ ou restringidas pelo uso, em um processo de mudança conhecido como gramaticalização. Nessa pesquisa, utilizei dados provenientes do *Corpus* Discurso & Gramática – A língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998); do *Corpus* Discurso & Gramática – A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro (VOTRE; OLIVEIRA, 1995), de novelas televisivas e conversações espontâneas.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: na próxima seção, apresento alguns aspectos do referencial teórico no qual me baseio; na seção seguinte, discorro sobre *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos; e em seguida, procedo à análise dos dados.

### 1 Referencial Teórico

A ótica adotada nesta pesquisa é a do Funcionalismo norte-americano, no qual se concebe a língua como um instrumento de interação social, usada, principalmente, para satisfazer necessidades comunicativas. Nessa vertente, prioriza-se o estudo das funções que as formas lingüísticas desempenham nas diversas situações de interação lingüística e considera-se a sintaxe e a morfologia como estando em constante mutação, sendo motivadas, moldadas e/ ou restringidas pelo uso. Assim, a sintaxe deve sua forma atual às estratégias de organização da informação feitas pelos falantes nas diversas situações de comunicação.

A lingüística funcional concebe a gramática como um conjunto de regularidades convencionalizadas via repetição, isto é, expressões e orações antes inovadoras, por serem muito usadas acabam por rotinizar-se e, assim, passam a fazer parte do repertório lingüístico dos falantes e, desse modo, acabam por adentrar na gramática de uma língua. Nesse sentido, a gramática de uma língua nunca está completa; está sempre mudando em busca de sua constituição, mas nunca chegando a se constituir de fato, o que Hopper (1987) denomina de *gramática emergente*<sup>1</sup>.

Esse processo de mudança permanente da gramática das línguas é o foco dos estudos de gramaticalização. O termo *gramaticalização* foi criado pelo lingüista francês Antoine Meillet para se referir a “atribuição de um caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma” (MEILLET, 1912, p. 131 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 19).

---

<sup>1</sup> Para Hopper (1987, 1998) a gramática emerge do discurso e é moldada por ele num processo contínuo. Assim, a gramática é marcada por seu caráter provisório em busca de uma estabilidade que não ocorrerá efetivamente, posto que é notório que as línguas evoluem com o tempo. No entanto, esse processo é extremamente lento, geralmente não sendo percebido pelos usuários da língua.

O processo de gramaticalização envolve alguns mecanismos, dentre os quais destaco o de transferência metafórica<sup>2</sup>. Heine *et al.* (1991) postulam que existe um processo de *problem-solving* (resolução de problemas) subjacente à gramaticalização, que é metaforicamente estruturado, isto é, se dá pela expressão de uma coisa nos termos de outra, podendo ser descrita nos termos de algumas categorias básicas, organizadas da seguinte maneira:

PESSOA > OBJETO > PROCESSO > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

De acordo com esses autores, essas categorias representam domínios de conceitualização importantes para a estruturação da experiência, e a relação entre elas é metafórica: qualquer uma delas pode servir para conceitualizar qualquer outra categoria à sua direita, consistindo no que Heine *et al.* (1991, p. 157) propuseram chamar de *metáforas categoriais*, como ESPAÇO É UM OBJETO ou TEMPO É ESPAÇO.

Vale ressaltar ainda que as fronteiras entre as categorias não são claramente definidas, existindo um *continuum* entre elas. Assim, no processo de gramaticalização pode haver estágios de ambigüidade em que uma palavra ou construção pode fazer parte de duas categorias simultaneamente. Além disso, Heine *et al.* (*op. cit.*) defendem o princípio da unidirecionalidade, segundo o qual formas sofrendo gramaticalização tendem a adquirir significados cada vez mais abstratos, nunca ocorrendo o contrário.

## 2 Aí Marcador de Especificidade

Nesta seção, tratamos de *Aí* como item marcador de especificidade nos SN indefinidos. Ao codificar essa função, *Aí* integra o SN indefinido, acrescentando-lhe um traço de especificidade, semelhante ao que fazem os pronomes e adjetivos *certo*, *determinado* e *específico*, no português brasileiro:

- (01) I: bem ... a história que eu vou falar pra você ... ela é de uma *CERTA* família ... que muito me tocou onde essa família vivia à procura de uma terra ... a procura de:: alimento ... e eu fi/e eu me sentia muito triste quando:: eu fiquei sabendo dessa história porque veja bem ... eles ... tiveram que deixar:: todos os seus parentes e foram em busca de um ... de um lugar pra se estabilizar ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).
- (02) ... aí eu sei que ele fez os curativos lá no ... no ... no cara todo ... era bem jovem o cara ... e o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou uma frase *Aí* muito interessante e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... o tempo todo aí é ... (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

O exemplo (01) aponta para uma família específica para o falante – o que é garantido pela presença de *CERTO* no SN. O mesmo ocorre em (02): pode-se observar que, apesar de o informante não relatar qual foi a frase deixada, a presença do *Aí* nesse SN indefinido aponta para uma frase que é específica para o falante, em oposição a uma frase totalmente desconhecida, apesar de o mesmo não estar se lembrando dela no momento de produção do enunciado. Em ambos os casos, o ouvinte, embora não conheça a identidade da família (em 01)

<sup>2</sup> Além desse mecanismo, Heine *et al.* (1991) destacam o de reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia), e Hopper e Traugott (2003) tratam da reanálise e da analogia. Por questão de espaço, tais mecanismos não serão tratados aqui. Vide Confessor (2008) para uma descrição desses mecanismos e sua aplicação sobre a trajetória de gramaticalização de *Aí* marcador de especificidade.

e da frase (em 02), passa a saber, ao ouvir o *AÍ*, de que se trata de uma família e de uma frase específicas do ponto de vista do falante.

Uma outra característica desse item é a de que o traço de especificidade acrescentado por ele a um SN indefinido anula qualquer possibilidade de se atribuir uma interpretação genérica a tal SN, evitando, além disso, possíveis ambigüidades. Observe o exemplo a seguir:

(03) Arlyne gostaria de se casar com um norueguês.

Essa oração é ambígua: pode ter leitura genérica, isto é, Arlyne pretende casar-se com qualquer homem que seja norueguês; pode também ter leitura específica, isto é, Arlyne pretende casar-se com um norueguês cuja identidade é conhecida por ela, e, provavelmente, pelo enunciador da oração. No entanto, essa segunda leitura parece ser a menos provável de ocorrer. Se, contudo, acrescentarmos *AÍ* ao SN, o problema da ambigüidade é resolvido:

(04) Arlyne gostaria de se casar com um norueguês *AÍ*.

(04) permite, ao ouvinte, apenas a leitura específica: embora o falante não tenha definido a identidade do norueguês em questão, indicou ao ouvinte, através do uso de *AÍ*, que se trata de alguém específico, cuja identidade é conhecida do falante, embora ele tenha optado por não a revelar.

No que diz respeito à gramaticalização, *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos migrou da categoria ESPAÇO (advérbio de lugar) para a categoria QUALIDADE (marcador de especificidade), sem necessariamente passar pelas outras categorias, o que pode ser representado esquematicamente da forma que segue:

#### ESPAÇO > ESPAÇO/QUALIDADE > QUALIDADE

Nesse esquema, ilustrado pelos exemplos (05), (06) e (07), vemos a trajetória de gramaticalização de *AÍ*: inicialmente exercia apenas sua função fonte de dêitico locativo (ESPAÇO – exemplo 05); posteriormente, passou a desempenhar uma função híbrida, ambígua, um pouco dêitico, um pouco marcador de especificidade (ESPAÇO/QUALIDADE – exemplo 06); e por último, passou a atuar inequivocamente como marcador de especificidade de SN indefinidos (QUALIDADE – exemplo 07). Essa trajetória de gramaticalização de *AÍ* também vem a reforçar o princípio de unidirecionalidade proposto, visto ser o significado de *AÍ* marcador de especificidade bem mais abstrato do que seu significado fonte de advérbio de lugar, e a categoria QUALIDADE ser a última do aclave de gramaticalização de Heine *et al.*, portanto a mais abstrata.

- (05) Marcos ... eu não pretendo ... por enquanto fazer mestrado em filosofia não ... eu pretendo fazer um outro curso *AÍ* na universidade que será ... o educação artística (*Corpus D&G Natal* – parte oral).
- (06) é ... tava com ele ... aí Jor/ aí seu Carrilho disse ... “não ... ainda não fui atendido ... eu gostaria é:: de quando o senhor tivesse um tempo é:: o senhor me desse uma certa atenção que eu tô precisando é:: ver um material *AÍ*” ... (*Corpus D&G Natal* – parte oral).
- (07) aí quando é agora né ... a professora me deu uma partitura de uma música *AÍ* ... é:: eu demorei o que ... uns ... umas cinco ... cinco aula ... ou seja ... um mês ... e uma aula ... são quatro ... são quatro aulas por mês ... uma na semana ... aí deixe eu ver ... eu demorei cinco aulas ... pra poder aprender a partitura todinha (*Corpus D&G Natal* – parte oral).

### 3 Implicaturas Conversacionais

O conceito de implicaturas conversacionais foi proposto por Grice (1982) e constitui uma parte importante do trabalho desse filósofo. Segundo Grice (op. cit.), existe um PRINCÍPIO DE COOPERAÇÃO geral regendo nossas interações comunicativas diárias, o qual é geralmente observado, ainda que inconscientemente, pelos usuários da língua. Tal princípio consiste em: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerido, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”. Desse princípio resultam quatro categorias, representadas por máximas e/ou submáximas mais específicas listadas a seguir.

A categoria da QUANTIDADE relaciona-se com a quantidade de informação a ser concedida numa interação verbal e é representada pelas seguintes máximas:

- Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação).
- Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

À categoria da QUALIDADE corresponde a supermáxima: “trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira” e duas submáximas mais específicas:

- Não diga o que você acredita ser falso.
- Não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada.

Sob a categoria RELAÇÃO, Grice apresenta apenas uma máxima: “Seja relevante”.

Por último, sob a categoria MODO, correspondente ao modo como o que é dito deve ser dito, Grice propõe uma supermáxima – “Seja claro” e outras quatro submáximas:

- Evite obscuridade de expressão.
- Evite ambigüidades.
- Seja breve (evite prolixidade desnecessária).
- Seja ordenado.

Quanto às implicaturas, Grice distinguiu dois tipos: as *convencionais* e as *conversacionais*. As implicaturas convencionais são aquelas cuja significação é engendrada internamente ao sistema lingüístico, a partir do significado das próprias palavras. Assim, na frase: “*Embora fosse rico, vivia na mais extrema penúria*”, a conjunção *embora* estabelece uma relação de sentido entre uma oração e outra (no exemplo, relação de concessão).

Já as implicaturas conversacionais podem ser definidas, de maneira geral, como inferências cuja significação advém do contexto extralingüístico, isto é, a implicatura conversacional não faz parte do significado intrínseco de uma palavra, expressão ou oração e, portanto, pode até mesmo ser cancelada, negada. Observe o exemplo a seguir:

- (08) A: Maria, você vai ao cinema hoje?  
B: João quer ir ao museu.

Em (08), **B** aparentemente abandonou o princípio de cooperação, ao violar algumas das máximas de Grice. Num primeiro momento, pode-se dizer que **B** não seguiu a máxima da QUANTIDADE, pois foi pouco informativo; a da RELAÇÃO, ao ser pouco relevante; e a do MODO, não sendo muito claro em sua resposta, afinal mencionou uma terceira pessoa (*João*) sobre a qual nada foi perguntado. Entretanto, se considerarmos o conceito de implicatura conversacional, tal exemplo não pode ser visto como uma transgressão ao princípio de cooperação, uma vez que, ao responder a pergunta de **A**, **B** sabe que **A** a conhece bastante bem, incluindo os fatos de que João é namorado de **B** e de que **B** gosta de acompanhar o namorado nos lugares aos quais ele vai. Assim, **A** pode facilmente concluir, a partir do que disse **B**, que é pouco provável que **B** vá ao cinema. Destarte, ao fornecer pouca informação, **B** seguiu a segunda submáxima da QUANTIDADE e também a terceira submáxima de MODO, evitando a

prolixidade desnecessária. Ademais, não abandonou a máxima da RELAÇÃO, pois sua resposta foi relevante ao que lhe foi perguntado, desde que considerado o contexto extralingüístico.

Em resumo, as máximas conversacionais propostas por Grice determinam o que os interlocutores precisam fazer para conversar de um modo maximamente eficiente, racional e cooperativo: devem falar sincera, relevante e claramente, fornecendo informação suficiente. No caso de *AÍ* marcador de especificidade de SN indefinidos, o ouvinte pode ter a impressão inicial de que o falante está fornecendo informação insuficiente, quebrando assim a máxima da quantidade. Realmente, o falante apenas menciona *um x aí*, um *x* específico, mas cuja identidade não é esclarecida de modo explícito, o que pode parecer um caso de abandono do princípio da cooperação.

No entanto, quando *AÍ* marcador de especificidade é usado, o ouvinte, assumindo que as máximas da conversação estão sendo seguidas, pode inferir que, se o falante sabe mais do que disse, é porque, embora conheça a identidade daquilo a que está se referindo através do SN indefinido, não deseja, por alguma razão, fornecer mais detalhes acerca dessa identidade e, por isso, aparentemente viola a máxima da quantidade.

Nessa perspectiva, Tavares (2001) descreve as principais implicaturas conversacionais que o ouvinte pode perceber nos contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade.<sup>3</sup> Uma delas é a de que *o falante conhece a identidade do referente do SN indefinido*, mas, por considerá-la não relevante para os fins da conversação corrente, opta por não revelar mais detalhes sobre ela. Ou seja, o ouvinte conclui que o falante deixou de apresentar informações mais detalhadas por acreditar que elas não são necessárias para a interpretação, embora tenha pretendido, pelo uso do *AÍ* marcador de especificidade, indicar que possui conhecimento dessas informações.

O fato de o falante dar poucos detalhes acerca da identidade do referente do SN pode ainda favorecer a implicatura de que *o referente do SN é de pouca importância, algo que não merece a preocupação do ouvinte*.

- (09) A: Sobre o que tu e a Inara conversaram?  
 B: Nada, a Inara só me disse umas coisas *AÍ*.  
 A: Sei. Ela levou mais de seis horas pra dizer “umas coisas *AÍ*”?

O falante B em (09), ao utilizar o SN indefinido acrescido de *AÍ*, tenta convencer o falante A de que nada importante foi dito por Inara. Todavia, A não aceita que o SN *umas coisas AÍ*, usado para se referir a mais de seis horas de conversa, indique algo insignificante. O exemplo a seguir também favorece a leitura de pouca importância para o referente do SN com *AÍ*.

- (10) Vou sair. Vou aproveitar para resolver um assunto *AÍ*. Mais tarde eu volto.  
 (novela *Andando nas nuvens*, 12/08/99).

Em (10), a personagem sinaliza ao ouvinte que o assunto que pretende resolver é de pouca importância e que não vem ao caso expô-lo em detalhes. Porém, fatos acontecidos antes permitem ao espectador saber que o falante tinha a intenção de não revelar nada a seu interlocutor. Desse modo, como o falante não pretendia revelar detalhes acerca do que se referia, tenta implicar que se trata de algo pouco importante e que não merece maior atenção ou preocupação por parte do ouvinte.

A terceira implicatura possível nos contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade é a de que *há conhecimento mútuo acerca da identidade do referente em causa*, o que pode ser conferido no exemplo abaixo:

- (11) Pois é, Pedro. Eu pedi para uma pessoa *AÍ* me trazer o trabalho o mais rápido possível e até agora nada.

(11) pode ser empregado em um contexto em que o falante está contando a Pedro a questão de um trabalho que ainda não tinha sido entregue até o momento dessa enunciação e quis dizer

<sup>3</sup> Os quatro exemplos a seguir foram extraídos de Tavares (2001).

indiretamente para uma terceira pessoa, que também estava presente no local e podia ouvi-lo, que esta já deveria ter trazido o trabalho. Pedro pode conhecer ou não a pessoa a quem o falante se refere, porém este espera ter conseguido ser entendido pela pessoa “alvo”. Em todo caso, como as implicaturas não integram o conteúdo semântico das expressões lingüísticas, Pedro ou algum outro ouvinte desavisado pode entender que se trata de alguém cuja identidade parece não vir ao caso naquele momento, e não que o “culpado” esteja por perto.

A última implicatura apontada pela autora é a de que *há algo negativo a respeito do referente do SN*. É o que ocorre em (12):

- (12) A minha irmã contratou um arquiteto *AÍ* para projetar a casa e só teve dor de cabeça.

(12) pode ter acrescida à idéia de que se trata de um arquiteto específico a de que se trata de um mau arquiteto, um “qualquer”, isto é, a irmã do falante contratou um arquiteto de péssima qualidade, um incompetente, em vez de contratar um bom arquiteto para projetar sua casa. Essa implicatura de valoração negativa também é passível de cancelamento, já que o ouvinte pode fazer apenas a leitura de que se trata de um arquiteto específico e não de um mau arquiteto.

#### 4 Análise dos Dados

Nesta seção, observamos quais as implicaturas conversacionais presentes em nosso *corpus*<sup>4</sup>. Ressaltamos que uma mesma ocorrência pode envolver mais de uma implicatura diferente, já que essas inferências são sempre contextualmente dependentes.

Tabela 1: Implicaturas conversacionais presentes nas ocorrências de *AÍ* marcador de especificidade

	<b>Implicatura</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
<b>01.</b>	O falante conhece a identidade ou pelo menos uma informação a mais acerca do referente do SN.	13	
<b>02.</b>	A informação não vem ao caso no momento da interação.	09	
<b>03.</b>	A informação é pouco importante/ insignificante.	05	
<b>04.</b>	Há algo negativo a respeito do referente / o referente tem valoração negativa.	01	
<b>05.</b>	O falante não conhece a identidade do referente do SN	01	

A implicatura conversacional mais freqüente na amostra analisada é a de que o falante conhece a identidade ou pelo menos uma informação a mais a respeito do referente do SN indefinido acrescido de *AÍ* marcador de especificidade, presente em quase todas as ocorrências. Esse fato pode indicar que tal implicatura pode estar quase fazendo parte do significado da expressão. A seguir, apresentamos alguns exemplos que envolvem outras implicaturas:

- (13) o Collor... e os ministros atrás de uma trincheira... com umas armas assim... e:... e... e eu acho que era a Zélia que estava falando “acho que acabamos de vez com a classe média... dessa vez...” né? ((risos)) tipo... aquela coisa assim de dizimar mesmo... que... as coisas vão acontecendo... a situação vai ficando cada vez pior... né? tipo... meu pai... estava *numa crise enorme AÍ*... tipo... com o plano.... que seguraram tudo... ele era da construção civil... e acabaram com a

<sup>4</sup> O *corpus* desta pesquisa é composto por 09 ocorrências de SN indefinidos acrescidos de *AÍ* marcador de especificidade, oriundos do Corpus D&G Natal, e 05 ocorrências provenientes do *Corpus* D&G Rio de Janeiro, totalizando 14 ocorrências. No entanto, também considere outros dados (exemplos (16) e (17)) na descrição das implicaturas conversacionais.

construção civil praticamente... né?... e:... acabou o financiamento... acabou tudo... tipo... dinheiro... né? estava difícil... e ele passou uma... *uma crise danada* *AÍ*... muita gente falindo... muita gente fechando... e ele tendo que segurar... e/ eu não estou/ eu não... eu não trabalho ainda mesmo... eu estou estagiando... não estou sendo remunerada por enquanto... né? (*Corpus D&G Rio – parte oral*).

- (14) toco tanto ... toco tanto que decoro ... aí num preciso mais de partitura não ... é o caso de ... samba ... um bocado de música *AÍ* que eu sei tocar ... por partitura que ... é eu já decorei e num preciso mais da partitura ... tá por aí jogado em algum lugar ... eu ia tocar (*Corpus D&G Natal – parte oral*)
- (15) outra coisa que engloba o ... a pena de morte ... o sistema falho de ... de ... de ... de polícia ... a corrupção que tem dentro da ... das ... da polícia é ... por exemplo tem o ... um cara que tá ... sei lá ... fazendo um serviço pra um ... um barão ... um marajá *AÍ* ... sei lá ... daí o cara mata ...aí “ó cê” ... o ... o marajá “ó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá” (*Corpus D&G Natal – parte oral*).

Em (13), nas duas ocorrências de SN indefinidos com *AÍ* podem ser depreendidas duas implicaturas: a primeira é a de que a informante conhece a identidade ou pelo menos uma informação a mais sobre a identidade do referente do SN, isto é, ela sabe que tipo de crise o pai enfrentou durante o governo Collor, apesar de não apresentar maiores detalhes sobre essa crise. A segunda implicatura presente é a de que os detalhes dessa informação não vêm ao caso no momento desse depoimento.

Já em (14) há três implicaturas presentes: além da primeira, presente em todas as ocorrências, que diz respeito ao conhecimento do falante de uma ou mais propriedades ou da identidade do nome especificado por *AÍ*, pode-se perceber que o informante considera não vir ao caso no momento de interação detalhar quais músicas ele consegue tocar sem a utilização de uma partitura, o que acaba gerando uma terceira implicatura: a de que essa informação era pouco relevante para o entendimento da mensagem.

Podem-se depreender também três implicaturas de (15): o falante não conhece a identidade do referente do SN indefinido, o que pode ser inferido através da dupla utilização do marcador discursivo *sei lá* e da reformulação do discurso do informante, já que ele, ao se referir a esse *marajá aí*, utiliza antes também a expressão *um barão*, talvez por não ter muita certeza de qual a palavra mais adequada para se referir à classe de possas que, segundo ele, estão acima da lei; essa informação não vem ao caso para os propósitos da comunicação corrente; há algo negativo a respeito desse referente, pois, ao utilizar o SN “um marajá *AÍ*”, o informante provavelmente também quis transmitir a idéia de que ser um marajá não é uma boa coisa para a sociedade brasileira. Essa valoração negativa não advém do sentido da palavra *marajá*, já que uma de suas acepções, de acordo com o dicionário Houaiss (2001), é “funcionário público ou de empresa pública cujo salário e demais vantagens são exorbitantemente altos”, o que não quer dizer que seja uma coisa intrinsecamente má. No entanto, o informante parece pretender implicar, através do uso de *AÍ* no SN, que ser um marajá é algo reprovável, e, logo na seqüência, esclarece em que contexto se dá essa valoração negativa: no contexto de transgressão deliberada da lei sem sujeição a sanções.

Nos dados analisados, não foi encontrada nenhuma ocorrência da implicatura de que havia um conhecimento mútuo por parte de falante e ouvinte acerca da identidade ou do nome acrescido de *AÍ*, que também havia sido descrita como uma das implicaturas possíveis nos contextos de uso desse item lingüístico<sup>5</sup>. Entretanto, apresentamos um dado em que essa implicatura está presente, observado na fala de um pastor evangélico durante um culto religioso em uma cidade do interior do estado. Justifica-se a inclusão desse outro dado, além dos que foram usados para a quantificação, pelo fato de que estes últimos não mostram toda a gama de possíveis implicaturas envolvidas no uso de *AÍ* marcador de especificidade.

<sup>5</sup> Cf. seção 3.

- (16) “O irmão **F** tem enfrentado lutas *AÍ* de enfermidade, né?” (P., Ensino Superior, 02/03/2008).

Nesse exemplo, o falante, dirigindo-se à congregação a respeito de certo irmão que estava presente no momento e passava por problemas de saúde, parece utilizar um SN acrescido de *AÍ* marcador de especificidade com um duplo propósito: primeiramente, para implicar que não pretende mencionar maiores detalhes acerca das *lutas de enfermidade* enfrentadas pela pessoa a quem se referiu, talvez porque não queira tecer comentários aprofundados sobre tais lutas em público, já que se trata de um assunto particular; e, por outro lado, porque tem conhecimento de que seus ouvintes partilham da mesma informação sobre a enfermidade da pessoa mencionada, que é conhecida por todos eles. Esse fato pode também ser reforçado pela presença do marcador discursivo *né*, que parece ter sido empregado para buscar a adesão ou confirmação dos ouvintes.

O exemplo (17) a seguir também merece ser comentado, não por causa das implicaturas que o falante pretende transmitir de que a informação não vem ao caso naquele momento de interação ou de que se trata de algo pouco importante, mas para ilustrar que às vezes o ouvinte sabe mais sobre aquilo que o falante quer esconder do que este imagina...

- (17) A: Você anda tão tenso, né?  
B: Tô tendo uns problemas *AÍ*, mas vai passar. (Novela *Malhação*, 13/04/2007).

Em (17), o falante A aproxima-se de B a fim de saber como ele está. Contudo, o contexto anterior da novela mostra ao telespectador que A já sabe o que está acontecendo com B e, inclusive, foi responsável indiretamente por alguns dos problemas enfrentados por essa personagem, embora B não tenha conhecimento desse fato. Ao responder à pergunta, o falante B tenta explicitar que os problemas pelos quais está passando não são tão importantes e que não vêm ao caso no momento daquela interação, através do uso de *AÍ* marcador de especificidade. Entretanto, o falante A – que já sabe de que problemas se tratam – pretende mesmo é conferir se o plano do qual participou para prejudicar B funcionou. Assim, ao ouvir a resposta de B, A descobriu que o plano havia sido concluído com sucesso.

Além das implicaturas apresentadas aqui, pode haver ainda outras, envolvidas em outros contextos de uso de *AÍ* marcador de especificidade, as quais não foi possível descrever devido aos poucos dados obtidos.

## Referências

- CONFESSOR, F. W. **Aí marcador de especificidade de SN indefinidos**: um estudo funcionalista com implicações para o ensino. Natal: UFRN, 2008. Dissertação. (Mestrado em Estudos da Linguagem).
- DUTRA, R. **O falante gramático**: introdução à prática de estudo e ensino do português. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.) **Corpus Discurso & Gramática**: a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.
- \_\_\_\_\_; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, T. **Syntax**. v. I. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- GRICE, H. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.) **Fundamentos metodológicos da linguística**. V. 4. Campinas: UNICAMP, 1982.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar: evidence from African Languages. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**. v. 1 Amsterdam: John Benjamins, 1991b. p. 149-188.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. **BLS**, v. 13, 1987. p. 139-157.
- \_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2<sup>nd</sup> ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS, A. (Coord.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- LEHMANN, C. Grammaticalization and related changes in contemporary German. In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.) **Approaches to grammaticalization**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 493-535.
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Linguística funcional: teoria e prática**. RJ: DP&A, 2003. p. 17-28.
- TAVARES, M. A. Um especificador aí. **D.E.L.T.A.**, n. 17, v. 2, 2001. p. 209-235.
- VOTRE, S.; OLIVEIRA, M. R. (Coords.) **A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo**. Impresso, 1995.